

NOS RASTROS DA HISTÓRIA: METAFICÇÃO HISTORIOGRÁFICA EM *DIAS E DIAS*, DE ANA MIRANDA

Jordana Dias Brito ¹
Maria Suely de Oliveira Lopes ²

RESUMO

Esse trabalho tem como objetivo analisar como o discurso metaficcional historiográfico se articula na narrativa *Dias e Dias* (2002) de Ana Miranda. Para isso, atentamo-nos a entender a relação literatura e história na construção e desenvolvimento da obra. *Dias e Dias* aborda a história do Poeta Gonçalves Dias que é retomado da história oficial como artifício principal da narrativa. E, ainda, traz a personagem fictícia Feliciano, uma jovem apaixonada pelo poeta desde criança e que irá contar toda a trajetória de Gonçalves. A obra é contextualizada no período do Brasil Colonial, trazendo, à tona, as implicações políticas, os costumes e acontecimentos históricos importantes desse momento de transformações consideráveis que o país vivencia. Para o aprofundamento dessa pesquisa, seguimos os estudos de Linda Hutcheon (1921), White (2001), Pesavento (2000), e outros autores acerca da metaficção historiográfica, de modo a discutir e investigar a relação desses elementos na escrita de Ana Miranda na construção ficcional e análise da realidade de *Dias e Dias* através de leitura e análise dos acontecimentos históricos e em que a autora seleciona da realidade. Essa pesquisa é de cunho exploratório, bibliográfico e qualitativo: utilizamos sistematização de dados, levantamentos bibliográficos, verificações em teses, dissertações e em fontes seguras da internet. Por fim, constatamos que a obra *Dias e Dias* de Ana Miranda articula por meio do discurso metaficcional historiográfico uma outra versão da história oficial, propondo uma outra possibilidade de interpretação do passado.

Palavras-chave: Literatura. Metaficção historiográfica. *Dias e Dias*.

INTRODUÇÃO

A metaficção historiográfica não reconhece o paradoxo da realidade do passado, mas sua acessibilidade textualizada para nós atualmente. (HUTCHEON, 1921, p. 152.)

Ana Miranda é uma autora que tornou-se conhecida por suas obras como *Boca do Inferno* (1989), *A Última Quimera* (1995), *Dias e Dias* (2002), nas quais encontramos

¹ Bolsista PIBIC-UESPI; Universidade Estadual do Piauí (UESPI); Graduada em Lic. Plena em Letras-Português, jordabrito97@gmail.com;

² Doutora em Teoria da Literatura pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), Professora Adjunta da Universidade Estadual do Piauí (UESPI) atuando nas áreas de Teoria Literária, Crítica Literária, Literatura Brasileira. Atualmente é professora do Mestrado Profissional em Letras (PROFLETRAS) e do Mestrado Acadêmico em Letras (UESPI). É membro do Grupo de Estudos Interdisciplinares em Literatura (INTERLIT) e filiada à ADHLAC. Possui Pós-Doutorado pela Universidade Federal do Piauí-UFPI, tendo atuado como Investigadora Visitante na Universidade de Buenos Aires (UBA). suelylopes152@gmail.com, mariasuely@cchl.uespi.br.

características que abordam um passado histórico ficcional, classificadas como romance histórico, pois neles estão presentes narrativas que juntam história e ficção. Contudo, outra maneira de analisar o trabalho de Ana Miranda é através da metaficção historiográfica encontrada na escrita da autora, pois o que se apresenta nessas obras não é uma biografia convencional, e sim uma escrita que se intercala com fatos e eventos, que se diferenciam. Sendo assim, analisamos a obra *Dias e Dias* (2002) que conta a história de Gonçalves Dias através de Feliciano, uma jovem que se apaixona pelo autor ainda criança e que irá contar toda a trajetória do poeta, expondo detalhes de sua vida durante o século XIX e apresentando o Brasil nesse período de transição e pós colonização, assim como os costumes da época na pequena cidade de Caxias - MA. Nessa obra a ficção se mistura com a história e proporciona ao leitor uma imersão que permite o contato com acontecimentos e parte da vida de Gonçalves Dias até então desconhecidas, como por exemplo sua infância, gerando a curiosidade sobre até que ponto da obra a narrativa aborda algo lido como real ou ficcional. Por esse motivo, para que seja possível investigar como a metaficção historiográfica se propõe nessa narrativa e identificar alguns desses aspectos usamos a teoria de Linda Hutcheon(1991), que usa conceitos de Hayden White para a base de sua pesquisa, e que, atentando-se a conceitos da pós modernidade nos ajuda no processo de identificação da metaficção historiográfica e mostra sua intenção na junção de realidade e ficção, que junto da intertextualidade dá um novo sentido a acontecimentos reais sem modificá-los, mas agregando novas perspectivas e eventos que enriquecem a narrativa.

O REAL E O FICCIONAL EM *DIAS E DIAS* DE ANA MIRANDA

A aproximação entre história e literatura vem sendo discutida e aplicada em teorias que estudam a pós-modernidade, quando falamos sobre um metaficção historiográfica, atentamo-nos à forma como ela constrói uma leitura alternativa do passado, neste caso, dentro do romance *Dias e Dias*. Levando em consideração essa aproximação entre história e a ficção, conseguimos identificar como ambas, em suas escritas, por mais particulares que sejam, na verdade possuem muito em comum, e seu processo de identificação se dá justamente por essa verossimilhança. Pois as duas possuem a característica de serem intertextuais e possuem sua complexidade assim como Linda Hutcheon fala. Seguindo essa linha de raciocínio para analisar *Dias e Dias*,

podemos notar que o processo de Ana Miranda nessa obra segue padrões que nos ajudam a identificar a metaficção historiográfica, a forma como ela ocorre e que recursos a autora usa para chegar nessa conclusão.

Ao iniciar *Dias e Dias*, o primeiro contato do leitor é com a personagem Feliciano, que irá conduzir toda a obra narrando todo o enredo, logo temos a percepção de que o livro usa de uma narrativa ficcional que se agrega a uma narrativa que se completa com recursos históricos. E mesmo que o enredo da obra conte sobre Gonçalves Dias, é possível afirmar que *Dias e Dias* não se trata de uma biografia, por mais próxima que esteja da verdadeira vida do poeta. Por vezes durante a leitura é possível confundir o que seria ficção e o que seria real dentro da história de Gonçalves Dias, assim como ter uma visão despreendida de sua verdadeira identidade.

Ana Miranda escreve o romance a partir da história de amor platônico que Feliciano sente por Antônio Gonçalves, é diante de todo esse afeto e desejo de aproximação da personagem narradora que o leitor tem contato com o que seriam os primeiros e últimos passos de Gonçalves, e apesar de possuir um embasamento histórico em todo o livro, notamos como os recursos ficcionais presentes tornam-se essenciais no conjunto da obra. Temos contato primeiramente com a infância do poeta, quando Feliciano acredita que o poema que Gonçalves escreveu em um pedaço de papel que embalou o feijão que a menina comprava, teria sido para ela, é com essa premissa que Ana Miranda usa Feliciano para ressignificar o que teria ocorrido na vida de Gonçalves Dias e os ventos históricos que ocorriam naquela época.

É a partir disso que nos damos de cara com uma história que mesmo tendo vestígios do passado do poeta, está mais concentrada no modo com que será contada. O que vai dar sentido a trajetória de Gonçalves, mesmo que possua uma pesquisa documental sobre o autor, será a relação de Feliciano com o sentimento que nutre durante o enredo do livro. De certa forma, é possível afirmar que o livro trata mais de construir uma narrativa literária convincente e que explora a imaginação do leitor ao abordar personagens e acontecimentos reais e ficcionais do que simplesmente descrever eventos do passado e da vida de Gonçalves Dias. Mesmo assim, não é como se Ana Miranda não desse a relevância necessária para a narrativa real desses acontecimentos históricos, pois vemos que há sim essa preocupação, e sim as torna mais atrativas e coerentes a sua proposta de romance em *Dias e Dias*, levando em conta também o olhar crítico sobre tais acontecimentos marcados na história.

UM OLHAR SOBRE GONÇALVES DIAS

Certamente Gonçalves Dias foi um poeta com bastante relevância dentro da literatura, no romantismo e na poesia indianista, dessa forma, ao ler *Dias e Dias*, a familiarização com o personagem se torna mais fácil. A medida que lemos a história, somos intencionados, muitas vezes, a ver tais acontecimentos como uma explicação, um detalhamento concreto sobre a vida real do poeta, mesmo sabendo que muitos momentos na escrita são recursos imaginários para enriquecer o enredo do livro. É nesse ponto que podemos notar o quanto a metaficção historiográfica tem poder convencional dentro de uma narrativa bem construída. Essa indução no leitor é possível pois a metaficção historiográfica, de forma bem simplificada, tenta reescrever a história real usando novos recursos em sua narrativa, é como se uma nova perspectiva sobre fatos reais fosse construída se apropriando de acontecimentos e personagens, mas sem a intenção de modificá-los e sem querer criar um paradoxo entre a realidade do passado.

É o que acontece durante essa narração da vida de Gonçalves contada pela personagem Feliciano, a intenção é aproximar o leitor do passado de Antônio Gonçalves, levando em consideração sua biografia e ao mesmo tempo proporcionando ao leitor a visão sobre Gonçalves apenas como um personagem de um romance ficcional, e isso sem comprometer a imagem de Gonçalves como poeta na vida real. Ou seja, mesmo com a familiarização em relação a quem foi Gonçalves Dias, é possível enxergá-lo também apenas como uma personagem fictícia.

A forma como Ana Miranda faz com que possamos nos aproximar mais dos vestígios do passado de Gonçalves Dias é também através das próprias escrituras do poeta, por vezes vemos seus versos inseridos na obra. Além de tornar a narrativa mais verídica, ela agrega a curiosidade do leitor sobre o trabalho de Gonçalves Dias. Sobre esse aspecto Hutcheon, (1991) assevera que a literatura problematizadora da história, possui, sem dúvidas, um esquema de referências ao passado. O resgate de um acontecimento feito através da obra de arte sempre gera polêmica, pois nessa “visita” ao passado podem-se descobrir “verdades” até então não reveladas. Para o crítico e historiador, a história necessita cada vez mais discutir o problema do conhecimento histórico, de modo que: [...] enquanto um historiador pode entender que é sua tarefa reevocar, de maneira lírica ou poética, o ‘espírito’ de uma época passada, outro pode

presumir que lhe cabe sondar o que há por trás dos acontecimentos a fim de revelar as ‘leis’ ou os ‘princípios’ de que o ‘espírito’ de uma determinada época é apenas uma manifestação ou forma fenomênica. Ou, para registrar uma outra diferença fundamental, alguns historiadores concebem sua obra primordialmente como uma contribuição para a iluminação de problemas e conflitos sociais existentes, enquanto outros se inclinam para suprimir tais preocupações presentes e tentam determinar em que medida um dado período do passado difere do seu, no que parece ser um estado de espírito bem próximo daquele do ‘antiquário’ (WHITE, 1995, p. 20).

Outra maneira do leitor ter mais proximidade ao personagem de Gonçalves Dias é acessar informações mais íntimas ou até então desconhecidas, é através das cartas que ele escrevia para seu amigo Alexandre Teófilo. Feliciano conta durante os capítulos o que havia em algumas dessas cartas, pelas quais tinham acesso através de Maria Luiza, a amiga de Feliciano e mulher do melhor amigo de Gonçalves. São nessas cartas que o jovem Antônio Gonçalves conta o que está acontecendo em sua vida, abrindo-se para seu amigo íntimo, ficamos sabendo de algumas aventuras de Gonçalves no tempo que passou em Portugal, sua relação com as mulheres, com a família e seu grande amor por Ana Amélia, jovem pela qual se apaixonou, porém tem seu pedido de casamento negado.

É preciso amar a muitas para não doudejar por nenhuma, falando das mulheres, ou: É preciso não o dizer nem a ela nem a ninguém, para não converter a brincadeira em enterramento, medroso do amor, coisas que me fazem febre. (MIRANDA, 2002, p. 17).

Da mesma forma que os versos de alguns dos seus poemas também são inseridos na história.

[...] olhos tão negros, tão belos, tão puros, de vivo luzir, estrelas incertas, que as águas dormentes do mar vão ferir; olhos tão negros, tão belos, tão puros, tão meiga expressão, mais doce que a brisa, - mais doce que o nauta de noite cantando,- mais doce que a fruta quebrando a soidão, esses os olhos de Ana Amélia vistos pelos olhos apaixonados de Antônio [...] (MIRANDA, 2002, p. 133).

RASTROS HISTÓRICOS E A METAFICÇÃO HISTORIOGRÁFICA

Como já citado, para que a metaficção historiográfica seja possível dentro de uma obra como *Dias e Dias*, é preciso uma base histórica que se misture com elementos ficcionais nesse tipo de escrita, para isso, Ana Miranda acrescenta, de maneira indispensável, todo o contexto histórico desde o dia do nascimento de Feliciano e Gonçalves, durante sua infância/adolescência até chegar em sua fase mais adulta.

Primeiro, o que vemos é que ambos nasceram no período de grande transição política no Brasil, Antônio nasceu no ano da independência, Feliciano nasceu um ano depois, vemos que foi um período conturbado, pois existia uma resistência por parte dos portugueses em aceitar a emancipação do Brasil em relação a Portugal, o que tornou esse processo mais longo. Muitos brasileiros sofreram constantes represálias por parte dos portugueses contrários à independência, assim como portugueses que eram a favor dessa mudança. Caxias acabou passando por um período tenso, dominada pelas forças portuguesas, nas quais eram comandadas pelo coronel Fidié (João José da Cunha Fidié - final do século XVIII- 1856).

Mas a Independência veio de qualquer jeito, e foi o próprio filho do rei quem deu o grito, e quando veio a Independência o coronel Fidié retirou-se em Caxias, onde tinha muitos seguidores portugueses. Pouca gente de Caxias quis aderir aos nacionalistas, o povo daqui vivia afastado de tudo, tinha espírito restaurador, parece que se entendia diretamente com Portugal[...] Debaixo das asas do bispo, Caxias e tantas outras cidades da nossa comarca viraram o foco das forças portuguesas, Fidié mandava em Caxias, o povo tinha medo dele, até os portugueses tinham medo dele, os portugueses falavam em plena rua insultos contra o imperador desnaturado: Ele é verdadeiramente enciclopédico! Ah o seu forte é o namoro! Tão destro na tática de cupido! (MIRANDA, 2002, p. 36).

Além da independência do Brasil, alguns outros eventos são colocados na obra, como por exemplo a Balaiada, a luta que aconteceu na província do Maranhão, de 1838 a 1841, revolta que iniciou por um levante social, na qual vaqueiros, escravos e outros desfavorecido reivindicavam melhores condições de vida e protestavam contra os desmandos políticos dos grandes fazendeiros, resultando na conquista de um governo provisório e que colocou os portugueses para fora da cidade de Caxias.

E foi então que veio outra revolta em Caxias, no ano de 38, ou 39, eu creio, uma rebelião popular, uma insurreição de ódio, borrachos facinorosos, chefiada pelo vaqueiro Cara Preta, e o Balaio, e o preto Cosme que tinha sido escravo. Tudo começou na Vila da Manga, não foi em Caxias, para desdizer aqueles que dizem ser a gente de Caxias mais insurgente que os portugueses. (MIRANDA, 2002, p. 107).

Da mesma forma, Ana Miranda segue adicionando à narrativa a visão de Feliciano sobre tal acontecimento. Esses elementos se misturam e causam o efeito histórico ficcional do qual estamos falando.

Os pobres da Balaiada, com a ajuda de muitos moradores, como papai, dominaram a comarca, foi uma correria, tiro para todo lado, ora aqui, ora acolá, os pobres tomaram casas de pessoas importantes que fugiram de suas fazendas para outras, queimaram casas de fazendeiros os mais ricos, fizeram um “governo provisório” para o Brasil, [...] Eu gostava dos balaios, dos pobres, tinha dó dos escravos e dos índios, mas tinha dó também dos portugueses,

pensava no seu João Manuel, tinha sido um bom homem, não ia merecer tamanho sofrimento, humilhação mais uma vez, [...]. (MIRANDA, 2002, p. 109).

Levando em consideração mais uma vez Linda Hutcheon (1991), temos noção de como o caráter ficcional quanto o histórico possuem suas particularidades e contribuem um com o outro. A intenção não é fazer com que alguma parte da narrativa seja vista como verdadeira ou não, e sim ressignificá-las em uma narrativa. Além disso, deparamo-nos com a subjetividade da autora, pois ao trazer um fato histórico para a narrativa propõe uma outra possibilidade de verdade até então não anunciada pela história oficial. Essa forma de juntar fato e ficção traz a necessidade do uso da intertextualidade nessas obras, pois dessa maneira temos a aproximação entre a história, o passado e a ficção sem que elas se prejudiquem a ponto de criar narrativas desconexas.

A intertextualidade pós-moderna é uma manifestação formal de um desejo de reduzir a distância entre o passado e o presente do leitor e também de um desejo de reescrever o passado dentro de um novo contexto. Não é um desejo modernista de organizar o presente por meio do passado ou de fazer com que o presente pareça pobre em contraste com a riqueza do passado (ver Antin 1972, 106-114). Não é uma tentativa de esvaziar ou de evitar a história. Em vez disso, ele confronta diretamente o passado da literatura - e da historiografia, pois ela também se origina de outros textos (documentos). (HUTCHEON, 1991, p. 157).

Outra coisa que podemos pontuar é o que diferencia a história e a ficção nesse processo. Segundo Linda Hutcheon (1991), o ficcionista tem a liberdade de ‘inventar sua própria história a partir de outras, enquanto o historiador apenas interpreta as histórias que foram encontradas (HAYTE, 1995). O que nos leva a considerar que a metaficção historiográfica traz o que podemos chamar de leitura alternativa do passado, temos ela ao lado de uma crítica à história oficial enquanto seu papel consiste em recuperar e recusar os pressupostos. Porém, é importante ressaltar que nem toda história pode ser contestada, pois a escrita da história também corresponde a uma ficção, uma sequência linguística que é construída a partir de uma visão particular, o que pode fazê-la ser então considerada parcialmente verdadeira.

A Ficção pós-moderna tem duas maneiras de contestar essa característica definitiva. Em primeiro lugar, a metaficção historiográfica se aproveita das verdades e das mentiras do registro histórico. [...] A segunda diferença está na forma como a ficção pós-moderna realmente utiliza os detalhes ou os dados históricos. (HUTCHEON, 1991, p. 152).

Da mesma forma, podemos conciliar os dois conceitos refletidos na literatura, sendo ela a grande base inicial de como juntar e desenvolver as duas narrativas, histórica e ficcional, de maneira coerente e relevante dentro de um texto. Estamos falando de como

o real e o imaginário possuem posturas diferentes em suas representações, porém que nesse contexto se auxiliam quando colocadas em narrativas literárias e históricas. Ambas se apegam na elaboração de narrativas que buscam explicar o real ou representá-las de certo modo, em sua significação. “Assim, literatura e história são narrativas que tem o real como referente para confirmá-lo ou negá-lo, construindo sobre ele toda uma outra versão ou ainda para ultrapassá-lo.” (PESAVENTO, 2000, p. 11).

Tanto a literatura quanto a história são reconfiguradas pelas suas narrativas, porém se diferenciam no processo de como são construídas. Mesmo que para que seja escrita a história a literatura seja necessária, enquanto a literatura tenha liberdade em ser elaborada a partir do imaginário, sendo possível sim a junção com o real.

“História e Literatura correspondem a narrativas explicativas do real que se renovam no tempo e no espaço, mas que são dotadas de um traço de permanência ancestral: os homens, desde sempre, expressam pela linguagem o mundo do visto e do não-visto, através das suas diferentes rotinas: a oralidade, a escrita, a imagem, a música.” (PESAVENTO, 2000, p. 13-14).

REPRESENTATIVIDADE INDÍGENA NA OBRA DIAS E DIAS E NA HISTÓRIA

Outro ponto importante a ressaltar é a presença dos indígenas na composição da obra, em alguns momentos Ana Miranda cita a relação dos nativos com a população da cidade de Caxias, segundo a visão de Feliciano, que possuía admiração por eles, e por meio das poesias indianistas de Gonçalves, mais uma vez colocando em evidência os versos do poeta para dar mais sentido e veracidade ao enredo como já citado antes. Esse fator é importante pois leva em consideração também a relevância que os indígenas tiveram e seu papel na sociedade nesse momento de pós colonização do Brasil.

Caxias era mesmo lugar de negros escravos e índios, índios bravos e índios mansos das nações aponegi-crans e macame-crans, que papai chamava de índios carauus, eu via os índios mansos que vinham à vila negociar, ia à janela, atraída pelos gritos que já conhecia. Os índios chegavam das matas entre o Mearim e o rio das Alpercatas, traziam bolas de cera de mel de abelha, plumas coloridas, pássaros nos dedos, cestas delicadamente trançadas, coisas que trocavam por facas ou panelas, roupas, machados ou ninharias. Eram robustos, altos e andavam com desembaraço, falavam algumas das nossas palavras portuguesas e sorriam com seus pequenos olhos. (MIRANDA, 2002, p. 27)

É possível notar que a ideia de Ana Miranda era mostrá-los segundo a visão de Gonçalves, mesmo que eles sejam descritos por Feliciano, tornando o discurso amigável

entre os nativos que foram sujeitos a uma adaptação aquelas pessoas que agora habitavam a cidade de Caxias. Mas ao mesmo tempo, essa visão idealizada de Feliciano se contrapõe a opinião que seu pai tinha desses povos, talvez isso marque também significativamente a diferença de pensamentos entre as duas gerações, como se os mais velhos ainda tivessem um grande estigma e preconceito enquanto a geração mais nova conseguisse se desprender facilmente desse olhar.

Pelo exposto, história e ficção se vinculam como campos discursivos que narram experiências humanas através da linguagem, e assim surge a metaficção historiográfica, que une literatura e história para levar os leitores a uma reflexão, a questionamentos das verdades retratadas pelos historiadores, sendo que a metaficção historiográfica se insere nas lacunas deixadas pelos documentos oficiais.

Linda Hutcheon (1991) em seus estudos alega que as relações entre a História e a ficção partem da verossimilhança com o fato, e que até o começo do século XIX eram ramos da mesma árvore do saber. Na modernidade, com o advento de novos estudos, a metaficção historiográfica estuda e compreende a história e a literatura com questionamentos e suas intertextualidades.

CONCLUSÃO

Como vimos, Ana Miranda articula por meio do discurso metaficcional historiográfico uma outra versão da história oficial na obra *Dias e Dias*, o que faz com que tenhamos a partir disso uma outra possibilidade de interpretação do passado, no qual descobrimos uma nova forma de ler esses eventos.

É possível perceber como esse discurso só se constrói devido ao uso conjunto da literatura, história e ficção a favor da obra, pois ambos contribuem um com o outro e resultam na problematização e exposição necessária dentro de uma obra metaficcional historiográfica, na qual conseguimos encontrar em dose adequada a presença do detalhamento da biografia da personagem principal Gonçalves Dias, os acontecimentos que já conhecemos na história do Brasil, os costumes da época, que juntam-se ao imaginário, ao ficcional, dando sentido e enriquecimento no enredo de uma obra como essa.

Todos esses recursos da metaficção historiográfica contribuem não somente com a construção da estrutura da narrativa, mas também com a aproximação entre a obra,

personagens e leitor. O que é lido transmite certo apegamento e até mesmo reconhecimento do que está sendo contado, justamente porque a metaficção historiográfica faz com que a história e ficção sejam aliadas no ato de dar uma nova versão do real e imaginário, sem que sejam modificados, apenas o ressignificam a partir de outros padrões e artifícios em seu discurso.

ABSTRACT

This work aims to analyze how the historiographical metafictional discourse is articulated in Ana Miranda's narrative *Dias e Dias* (year). For this, we try to understand the relationship between literature and history in the construction and development of the work. *Dias e Dias* addresses the story of Poet Gonçalves Dias, which is taken from the official story as the main narrative device. It also brings the fictional character Feliciano, a young woman in love with the poet since she was a child and who will tell the whole story of Gonçalves. The work is contextualized in the period of Colonial Brazil, bringing to light the political implications, customs and important historical events of this moment of considerable transformations that the country is experiencing. To deepen this research, we follow the studies of Linda Hutcheon (1991), White (2001), Passavento (2000), and other authors about historiographic metafiction, in order to discuss and investigate the relationship of these elements in Ana Miranda's writing in fictional construction and analysis of the reality of *Dias e Dias* through reading and analysis of historical events and in which the author selects from reality. This research is exploratory, bibliographical and qualitative: we will use data systematization, through bibliographic surveys, checks on theses, dissertations and secure internet sources. Finally, it intends to verify that Ana Miranda's work *Dias e Dias* articulates another version of official history through metafictional historiographical discourse, proposing another possibility of interpreting the past.

Keywords: Literature. Historiographic metafiction. Days and Days..

REFERÊNCIAS

HUTCHEON, L. *Poética do Pós-Modernismo*. Rio de Janeiro: Imago, 1991.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. *História e literatura: uma velha-nova história*. In: COSTA, Cléria Botelho da & MACHADO, Maria Clara Tomaz. *História e literatura: identidades e fronteiras*. Uberlândia: EDUFU, 2006.

MIRANDA, Ana. *Dias & Dias*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

WHITE, Hayden. *Meta-história: a imaginação histórica do século XIX*. Trad. José. L. De Melo. 2 ed. São Paulo: Edusp, 1995, p. 17-56.

WHITE, Hayden. Trópicos do discurso: Ensaios sobre a crítica da cultura. Trad. Alípio Correia de Franca Neto. São Paulo: EDUSP, 1994.